

Medos, incertezas e as temporalidades líquido-modernas

Frederico de Mello Brandão Tavares

A capa da edição brasileira de *Tempos Líquidos*, publicado originalmente em inglês também no ano passado, traz em segundo plano uma imagem de uma antiga fábrica desativada. A fotografia – na qual avistamos uma chaminé e grandes galpões enfileirados e destelhados, com paredes danificadas e tomados pela vegetação – aparece tratada em tons escuros, que lhe dão um ar soturno, e está sobreposta por uma espécie de película, cujo formato lembra o das ondas ocasionadas pela queda de uma pedra em um lago, misturadas ao de gotas d’água em um vidro transparente. Não fosse por essa vibração ondulatória do primeiro plano da capa, poderíamos resumir a descrição como se estivéssemos observando, de alguma janela, uma velha e abandonada indústria em um dia muito chuvoso; de tempo feio e fechado.

Os dois elementos principais dessa imagem sintetizam de forma interessante este livro de Zygmunt Bauman. A antiga fábrica ilustra de forma indicativa um passado recente, não mais existente e em decadência (ou em colapso), que, materializado nas palavras do autor, poderíamos associar à sociedade moderna em seu estágio anterior, sólido. Já as tempestuosas condições climáticas traduzem visualmente duas grandes tônicas que permeiam, para Bauman, a sociedade posterior (e atual) a essa primeira – a sociedade líquido-moderna¹: o medo e a incerteza.

Mas, não menos importante, o terceiro elemento – as ondas vibratórias em uma superfície líquida – aponta para o eixo que conduz a proposta da obra: o de fluxos e movimentos que compõem material e subjetivamente as temporalidades contemporâneas. Não é à toa, supomos, que o centro de onde partem as ondas circulares do primeiro plano da capa encontra-se justamente na disposição diagonal das, também circulares, letras “o” das palavras “Tempos” e “Líquidos”. No interior do livro, tal “eixo das temporalidades” aparece teórica e conceitualmente elaborado, complexificando essa metáfora visual.

Tempos Líquidos é composto por uma introdução e cinco capítulos. Sua narrativa aproxima-se muito de outras obras recentes de Bauman, nas quais o tema da liquidez é abordado (como *Vida Líquida*, *Amor Líquido* e *Modernidade Líquida*). Há um eixo que conduz a reflexão, sempre muito bem apresentado na “Introdução”, seguido de capítulos que analisam e estruturam, por meio de tópicos aparentemente independentes, os elementos que circundam o ponto principal. Na obra em questão isso se materializa de forma bastante evidente. O leitor encontra, já na introdução, um excelente panorama do que será abordado, constituído pela contextualização e

· BAUMAN,
· Zygmunt.

· *Tempos*
· *Líquidos*.

· Tradução Carlos
· Alberto Medeiros.

· Rio de Janeiro:

· Jorge Zahar,

· 2007

· 120 p.

explicitação dos objetivos e conteúdos; e os capítulos que se seguem, apesar de coerentes entre si, permitem uma leitura aleatória, podendo ser lidos sem uma ordem definitiva, o que não prejudica a abordagem analítica proposta.

Além disso, Bauman conserva seu tom ensaísta, presente em outras de suas obras, sem deixar de transparecer a profundidade de sua análise e as fontes – tanto empíricas quanto teóricas – com quem ele dialoga. Neste aspecto, inclusive, reside um dos méritos do livro. Ao se propor a analisar a contemporaneidade, portanto algo ainda inconcluso, complexo e controverso, o autor consegue apontar algumas “feridas” da sociedade hodierna, realizando um bom diagnóstico das arestas e desequilíbrios que marcam nossa realidade. São indicadas causas e conseqüências – algumas pouco exploradas por outros autores – de aspectos problemáticos das sociabilidades locais e globais, ao mesmo tempo em que, indiretamente, convida-se o leitor a percebê-los sob a ótica das temporalidades sociais.

O livro, aliás, em nenhum momento específico discorre conceitual ou filosoficamente sobre a noção de tempo. No entanto, em vários momentos, fazendo uso ou não do termo – “tempo” –, evoca a noção para as análises que se apresentam. Por isso, sugerimos, uma boa leitura deve estar acompanhada da constante lembrança do título da obra. Em todos os capítulos, ter em mãos a expressão “Tempos Líquidos” é possuir uma ótima chave para a compreensão do seu significado em diferenciados aspectos. Sejam eles políticos, espaciais, culturais, psicológicos e econômicos; tal qual elenca concomitantemente Bauman.

Já na “Introdução” o autor deixa claro essa presença do leitor e o compromisso que se propõe a ele e com ele. Estando ciente do contexto de incompletudes do qual fala o livro, diz Bauman:

O melhor que o autor tentou e se sentiu capacitado a fazer foi estudar as causas dessa incerteza – e talvez desnudar alguns dos obstáculos que impedem a sua compreensão, e assim também nossa capacidade de enfrentar (individual e, sobretudo, coletivamente) os desafios que qualquer tentativa de controlá-las necessariamente apresenta (p. 10).

Nesse sentido, mesmo assumindo o caráter também incompleto que a obra possui, uma vez que, mais do que em diagnósticos e análises, a solução para os problemas apontados estaria na própria ação humana, o valor do livro não se perde. Pelo contrário. O título desta parte, mesmo que não tenha esse objetivo, deixa isso transparecer: “Entrando corajosamente no viveiro das incertezas”.

Na “Introdução” estão apontadas ainda, segundo o autor, as cinco principais “mudanças de curso” da sociedade atual, todas intimamente conectadas, cujas conseqüências, além de originar um novo curso para as atividades individuais, geram um novo ambiente social permeado de inéditos desafios e obstáculos. Primeiramente, aponta Bauman, a passagem de uma

sociedade sólida-moderna para uma líquido-moderna. Em segundo lugar, a separação entre o poder e a política, exemplificada principalmente na decrescente participação do Estado na vida social, a crescente autonomização do mercado e a supervalorização do indivíduo. Em terceiro lugar, a redução da segurança comunal (contra o fracasso e o infortúnio individuais) promovida anteriormente pelo Estado, acompanhada pela redução da solidariedade social e o enfraquecimento das comunidades. Em quarto lugar, o colapso do pensamento e do planejamento em longo prazo e o quebra das estruturas sociais nas quais tais ações estavam apoiadas. E por fim, em quinto lugar, a necessidade e a exigência social de que os indivíduos sejam responsáveis pelo curso de suas vidas, sabendo suportar e decidir sobre suas ações da melhor forma.

Estas cinco principais mudanças, ligadas direta e indiretamente pela modificação conjuntural da sociedade atual, encontrar-se-ão esmiuçadas nos capítulos do livro. O que não significa que cada um contemple uma delas individualmente. Como lembra o próprio autor, todo o contexto por elas gerado está relacionado tanto à interconexão que as une quanto à interconexão hoje marcante entre o local e o global. E isso ficará claro nos aspectos e situações analisadas.

No primeiro capítulo, “A vida líquido-moderna e seus medos”, fica claro que um dos aspectos marcantes da temporalidade contemporânea diz respeito à presença e à instituição do medo na sociedade. Relacionado ao ambiente de incertezas gerado pelas fragilidades, principalmente políticas (enfraquecimento do papel do Estado e vulnerabilidade deste perante as lógicas do mercado), e valorizado pelos indivíduos cada vez mais isolados e vulneráveis à ação do outro (individualismo e redução da solidariedade social), o medo desponta como grande elemento cotidiano, instaurando novas práticas e novas angústias. Nesta parte abordam-se os medos individuais – relacionados ao trabalho, à segurança pessoal – e os medos coletivos, atentando-se principalmente para um dos grandes temores da atualidade mundial: o terrorismo.

Uma das virtudes do capítulo é clarificar os mecanismos e as causas não só do surgimento e crescimento do medo na sociedade, como também desvelar os mecanismos de auto-alimentação e geração deste próprio medo². Mas, como aponta o próprio autor, caberá ainda à sociedade encontrar as ferramentas para vencê-lo.

O segundo capítulo, “A humanidade em movimento”, relaciona-se ao primeiro e analisa um aspecto preocupante e avassalador do mundo contemporâneo desenvolvido. Alcançamos hoje, segundo Bauman, um limite de excessos tanto materiais quanto humanos, e o trânsito e a fixação desses “lixos”, principalmente humanos, tornou-se um grande desafio e um enorme entrave para a realidade contemporânea. O “lixo humano”, representado principalmente por migrantes e refugiados, formou uma conjuntura na qual

tanto o medo em relação ao outro quanto as lógicas da exclusão e da desigualdade – marcadas por questões econômicas e étnicas – fizeram surgir novos espaços (não-lugares, no sentido de Augé) e novos paradoxos. Numa sociedade onde o que vale é a mudança e o fluxo, são justamente estes os responsáveis pela geração de um novo grupo de pessoas e novos territórios dos quais e nos quais o que importa é a permanência e a diferença: uma vez excluído, sempre excluído.

Neste capítulo Bauman realiza uma análise primorosa dos campos de refugiados existentes no mundo, seus sujeitos, suas lógicas e suas vulnerabilidades. Mais do que isso, o autor deixa claro a perversidade e as contradições que permeiam hoje as relações políticas internacionais e as relações de poder; e aponta como o “microcosmo” dos campos de refugiados diz de um todo, planetário, que o envolve e que está nele totalmente envolvido. O texto serve ainda como bom subsídio para pensarmos as políticas recentes sobre a imigração em países europeus e nos EUA, além de deixar claro, como relembra o próprio autor, baseado em Rosa Luxemburgo, a autofagia na qual se encontra hoje o sistema capitalista.

No terceiro capítulo, “Estado, democracia e a administração dos medos”, chama-se a atenção para a relação dos medos atuais com os novos papéis sociais e as modificações no tratamento do tema da insegurança. Os medos modernos são apontados como frutos da “desregulamentação-com-individualização”, momento em que os vínculos e as relações interpessoais de parentesco e vizinhança se afrouxaram. Com a distensão dos laços comunitários e empresariais, antes vistos como eternos, coube aos indivíduos – e não mais ao Estado – ter de lidar com suas inseguranças. Uma espécie de “terceirização da administração” do medo passa a ocorrer, aumentando conseqüentemente a exclusão dos menos providos de recursos tanto econômicos quanto políticos.

Coloca-se em questão, por isso, a necessidade de uma reformulação sobre os direitos políticos e sociais, propondo-se a necessidade de um equilíbrio na distribuição e no uso conjunto dos mesmos pelas e nas diversas camadas da sociedade. Os medos que nos cercam – “o poder superior da natureza”, “a fragilidade dos corpos perante a vida, à morte e ao tempo” e “a inadequação dos regulamentos que ajustam as relações dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” – são apresentados e diferenciados pelo autor. Aqueles que dizem respeito propriamente ao indivíduo, aos limites do próprio ser, sempre nos acompanharão e farão parte dos desafios da psique humana (aqui Bauman relembra Freud). Os medos coletivos, porém, ligados à família e ao Estado, compõem um outro âmbito de insegurança, que diz respeito a medos propriamente sociais. E são estes, hoje, que, refletidos nos medos individuais, encontram-se numa situação limite.

No quarto capítulo, “Fora de alcance juntos”, o medo e a incerteza, componentes centrais da temporalidade líquido-moderna, são situados no espaço da cidade. A vida urbana – seus mecanismos físicos e suas práticas de controle da violência e da insegurança – é analisada como *locus* de novos paradoxos e contradições. Antes vista como “lugar relativamente seguro”, a cidade passa a ser vista hoje como associada “mais ao perigo que à proteção”.

Neste contexto, os habitantes citadinos passam, na tentativa de proteger seus “corpos e propriedades”, a criar, cada vez mais, espaços de exclusão, sugerindo a garantia de uma proteção, mas, ao mesmo tempo, anulando as lógicas de convivência e interação dentro das cidades.

A incerteza do futuro, a fragilidade da posição social e a insegurança existencial – essas circunstâncias ubíquas da vida no mundo “líquido-moderno”, notoriamente enraizadas em lugares remotos e, portanto, situadas além do controle individual – tendem a se concentrar nos alvos mais próximos e a se canalizar para as preocupações com a proteção pessoal; os tipos de preocupações que, por sua vez, se transformam em impulsos segregacionistas/ exclusivistas, conduzindo inexoravelmente a guerras no espaço urbano (p. 83).

Os reflexos disso encontram-se ligados aos acessos e trânsitos ao longo do espaço urbano, fazendo também com que, cada vez mais, uma elite prenda-se a um mundo virtual, privilegiada pelas telecomunicações, e uma maioria passe a conviver com questões locais, não menos ligadas ao mundo “de fora”, mas que, a princípio, não lhe caberia ou diria respeito.

Na cidade, diz Bauman, há a necessidade da convivência ameaçadora como o *estranho*, como o outro, gerando processos de *mixofobia* e *mixofilia*, coexistentes e opostos, ligados respectivamente à fuga e à permanência frente à diferença e à ameaça na cidade. A vida na cidade é apontada como ambivalente, resvalando entre a busca pela homogeneidade da segurança e a heterogeneidade de seus *modus vivendi*. No entanto, como aponta o autor, mais do que um escoadouro ou reservatório de problemas, a cidade poderia ser vista como um ótimo laboratório para a assimilação do convívio com a alteridade. Os arquitetos e urbanistas poderiam ajudar nesse processo. Mas, mais que isso, caberia à humanidade perceber a cidade como metonímia de seus desafios.

O quinto e último capítulo, “A utopia na era da incerteza”, chama a atenção mais explicitamente para o tempo, o tempo subjetivo afetado pelas modificações da sociedade atual. Bauman ressalta a modificação das utopias no mundo. A utopia antes, no “tempo sólido”, denotava um objetivo distante, algo cobiçado e sonhado, conduzido principalmente pelo progresso. Este último deixou de ser visto hoje como algo imaginado e impulsionador de sonhos, passando a ser visto apenas como engrenagem de

um processo em que vale o presente, uma sobrevivência quase inconsciente e uma submissão ao mundo dos mercados e do individualismo.

São interessantes as metáforas utilizadas por Bauman para ilustrar essa realidade. Antes da modernidade, num período ainda anterior ao das utopias, existiria a figura de um “guarda-caças”, preso a uma ordem divina e a um mundo de constâncias. Na primeira modernidade (sólida), com o “libertar” do indivíduo, passa a existir a figura de um “jardineiro”, cuja ação é fundamental para a ordenação e construção do mundo. Já na “modernidade líquida”, surge a figura do “caçador”.

Diferentemente dos dois tipos que prevaleceram antes do início de seu mandato, o caçador não dá a menor importância ao “equilíbrio” geral “das coisas”, seja ele “natural”, planejado e maquinado. A única tarefa que os caçadores buscam é outra “matança”, suficientemente grande para encherem totalmente suas bolsas. (p. 105)

Assim, neste mundo da caça, prevalece a individualidade, a disputa e a concorrência, sem espaços para “devaneios utópicos”. A utopia passa a ser um fluxo, não mais um fim. O que vale é estar na estrada, não chegar ao fim dela. A utopia passa a ser algo vivido e não algo pelo qual se vive. Em vez de oferecer um significado para a vida, as novas utopias afugentam da mente as questões relativas ao significado da vida. E finaliza o autor, utilizando-se de uma imagem de Ítalo Calvino em *Cidades Invisíveis*: estamos dentro de um inferno e, sair dele e de seus mecanismos, tornar-se-á cada vez mais difícil.

Tempos Líquidos, podemos dizer, traz à tona um misto de elementos que, em conjunto (e em combinações alternadas), permite uma visão mais completa e complexa do mundo contemporâneo. Apesar de ter como lugar de fala o mundo desenvolvido (e a Sociologia, é bom lembrar), o panorama traçado por Bauman permite, sem problemas, que façamos apropriações de suas análises em escala mundial. Como propõe o próprio autor, local e global hoje se encontram indissociados.

Além disso, ao tratar pelo viés do medo e da insegurança, a questão das temporalidades sociais, o autor aborda temas ainda carentes de boas análises tanto no mundo acadêmico quanto em outras esferas de análise social – a mídia, por exemplo – sem, no entanto, esgotar o assunto.

O livro é um bom exemplo de como analisar contextos sem estar distante historicamente dos mesmos. Tal mérito liga-se tanto à proposta da obra em diagnosticar situações – o que é fruto da postura observadora e astuta de seu autor – quanto em buscar as causas, conseqüências e possíveis soluções para estas.

A nós da Comunicação, *Tempos Líquidos* pode ser visto como uma ótima ferramenta. Não apenas por ajudar na compreensão dos contextos com os quais lidamos –principalmente a partir das representações cotidianas

dos meios de comunicação e da leitura que fazemos delas sobre os aspectos sociais, culturais e subjetivos que permeiam a sociedade – mas por, também, ser um ótimo exercício de observação e aplicação teórico-metodológica, ensinando-nos e lembrando-nos que a ciência deve ser lida e compreendida por todos e para todos.

NOTAS

1 Como aponta o autor na introdução do livro, a modernidade líquida corresponde, principalmente nas sociedades ditas “desenvolvidas”, a uma fase em que “as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam” (p. 7).

2 “O medo é reconhecidamente o mais sinistro dos demônios que se aninham nas sociedades abertas de nossa época. Mas é a insegurança do presente e a incerteza do futuro que produzem e alimentam o medo mais apavorante e menos tolerável. Essa insegurança e essa incerteza, por sua vez, nascem de um sentimento de impotência: parecemos não estar mais no controle, seja individual, separada ou coletivamente, e, para piorar ainda as coisas, faltam-nos as ferramentas que possibilitariam alçar a política a um nível em que o poder já se estabeleceu, capacitando-nos assim a reaver o controle das forças que dão forma à condição que compartilhamos, enquanto estabelecem o âmbito de nossas possibilidades e os limites à nossa liberdade de escolha: um controle que agora escapou ou foi arrancado de nossas mãos. O demônio do medo não será exorcizado até encontrarmos (ou, mais precisamente, construirmos) tais ferramentas” (p. 32, grifo do autor).

FREDERICO DE MELLO BRANDÃO TAVARES é doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde integra o Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo (UNISINOS/CNPq). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).